

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18 pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

PSICOPATOLOGIA CLÍNICA DO TRABALHO: ESCUTA CLÍNICA COM UMA TRABALHADORA ADOECIDA POR SOBRECARGA

CLINICAL PSYCHOPATHOLOGY AT WORK: CLINICAL
LISTENING TO A WORKER'S ILLNESS DUE TO
OVERLOAD

PSICOPATOLOGÍA CLÍNICA EN EL TRABAJO: ESCUCHA
CLÍNICA A UN TRABAJADOR ENFERMEDAD POR
SOBRECARGA

Otávio Casemiro Lins

Universidade Federal de Jataí, Goiás, Brasil

otavio_casemiro@discente.ufj.edu.br

Graziele Alves Amaral

Universidade Federal de Jataí, Goiás, Brasil

graziamaral@yahoo.com.br

Resumo: Essa pesquisa teve como objetivo analisar o processo clínico de uma paciente, cozinheira em um restaurante de posto de combustível, que apresentava queixas relativas à sobrecarga de trabalho, que se traduziam em sintomas como dificuldades para dormir,

batimentos cardíacos acelerados e uso de ansiolíticos. Utilizou-se o referencial teórico e metodológico da Psicopatologia Clínica do Trabalho. Os dados clínicos passaram pela análise de conteúdo, que permitiu desvelar o sofrimento no trabalho, as condições adoecedoras da organização e o modo como o sujeito estava enredado nas demandas do discurso capitalista e das tiranias do Supereu. A escuta clínica do sofrimento no trabalho deu voz à trabalhadora, mobilizando-a para o deslizamento da posição de sujeito invocado para sujeito invocante. A Psicopatologia Clínica do Trabalho se apresentou como uma proposta teórico-metodológica consistente para a compreensão da relação sujeito-trabalho e para a mudança na sua posição subjetiva.

Palavras-chave: Extensão. Psicopatologia Clínica do Trabalho. Sobrecarga. Sujeito Invocante.

Abstract: This research aimed to analyze the clinical process of a patient, a cook who worked at a gas station restaurant, who reported complaints about work overload, which resulted in symptoms such as difficulty sleeping, accelerated heartbeat, and the use of anxiolytics. The research applied the theoretical and methodological framework of Clinical Psychopathology at Work. The clinical data examination occurred through content analysis, which revealed the suffering at work, the sickening conditions of the organization, and how the subject was entangled in the demands of the capitalist discourse and the tyrannies of the Superego. Clinical listening about suffering at work gave the worker a voice, mobilizing her to move from the invoked subject to the invoking subject. The Clinical Psychopathology of Work is a consistent theoretical and methodological framework for understanding the subject-work relationship and changing the individual's subjective position.

Keywords: Extension. Clinical Work Psychopathology. Invoking Subject. Overload.

Resumen: Esta investigación tuvo como objetivo analizar el proceso clínico de un paciente, cocinero de un restaurante de una gasolinera, que tenía quejas relacionadas con la sobrecarga de trabajo, lo que resultó en síntomas como dificultad para dormir, aceleración del ritmo cardíaco y el uso de ansiolíticos. Se utilizó el marco teórico y metodológico de la Psicopatología Clínica en el Trabajo. Los datos clínicos fueron sometidos a análisis de contenido, lo que permitió revelar el sufrimiento en el trabajo, las condiciones enfermizas de la organización y la forma en que el sujeto se enredaba en las exigencias del discurso capitalista y las tiranías del Superyó. La escucha clínica del sufrimiento en el trabajo dio voz a la trabajadora, movilizándola para pasar del sujeto invocado al sujeto invocador. La Psicopatología Clínica del Trabajo se presentó como una propuesta teórico-metodológica consistente para comprender la relación sujeto-trabajo y cambiar la posición subjetiva del sujeto.

Palabras clave: Extensión. Psicopatología Clínica del Trabajo. Sobrecarga. Sujeto Invocador.

Data de submissão: 13/04/2023

Data de aprovação: 11/07/2024

Introdução

O trabalho, categoria ontológica do ser, é parte da condição humana, mas os modos de trabalho capitalista vigentes negam essa condição. Por serem modelos de gestão pautados na quantificação do trabalho, na tentativa de prescrição rígida dos processos de trabalho, no controle, nas exigências de excelência e no estabelecimento de metas desconectadas das condições de trabalho, forjam um discurso onde não há espaço para as contradições, as falhas e os inesperados do real. Tudo isso resulta numa mortificação do trabalho vivo, não tendo espaço para o trabalho do sujeito, produzindo alienação e fazendo o trabalhador sucumbir aos imperativos do capital. Esses imperativos são sustentados por um discurso totalitário e sedutor, pautado na ideia do saber absoluto, que promete sucesso, segurança e proteção. Nesse sistema, é imposta a ideia de que a satisfação do trabalhador será plena e absoluta se ele atender prontamente a todas as demandas que lhe são endereçadas; é como um fetiche de satisfação para o(a) trabalhador(a). O discurso da gestão promete ao sujeito o lugar inexistente da plenitude, sustenta ilusões e nega a condição humana da castração (Mendes, 2018).

As novas formas de organização do trabalho, baseadas no consumismo e não na ética das relações

humanas, têm produzido sujeitos enredados na ideia do absoluto e da plenitude, prometidos pelo capital (Mendes; Ghizoni, 2016). Mendes (2018) defende que as patologias vão se construindo em contextos onde são valorizadas a performance e espetacularização dos produtos e serviços e não o saber fazer no real. Cria-se para o trabalhador uma demanda impossível de ser atendida frente ao inesperado do real, um dilema que paralisa o sujeito.

Seja pela disciplina da fome, seja pela servidão voluntária, os indivíduos acabam se tornando sujeitos invocados, atendendo às demandas ofertadas sem traduzi-las. O discurso capitalista captura o sujeito em uma espécie de “canto da sereia” em que ele fica preso no discurso das promessas do capital com a falsa ilusão de que pode ter mais e ser mais (Mendes, 2018). Esse discurso refere-se a uma forma de sedução do sujeito, cria-se a ideia de que seus desejos estão ligados a objetos de consumo ou benefícios sociais, o que reforça a acumulação, o consumismo e o produtivismo na sociedade, em benefício do sistema capitalista (Mendes; Vivès, 2020).

Mendes, Takai e Gama (2016) formulam elaborações teóricas baseadas na psicanálise lacaniana que permitem compreender o cenário no qual o psiquismo é enredado pelo discurso dos modelos de gestão. Nessa perspectiva, tem-se o sujeito invocado,

que é aquele submetido ao apelo do Outro, encontrando-se em posição de dependência em relação a esse Outro. Por outro lado, o sujeito invocante seria o sujeito desejante, que sustenta seu desejo indo atrás do que é possível e partir do que ele tem para sustentar seu desejo. Esse sujeito invocante é quem faz o chamamento, mas para isso, ele precisa se deparar com sua castração, ou seja, lidar com seu desamparo. A passagem do sujeito invocado para o sujeito invocante refere-se à mudança do lugar do sujeito na dinâmica da invocação pulsional, em que “o sujeito até então submetido ao apelo do Outro, falhando a esse apelo, se descobre igualmente falando e conseqüentemente desejante” (Mendes; Takai; Gama, 2016, p. 151).

No cenário em que o sujeito se encontra capturado pelo discurso capitalista dos modelos de produção, ele se vê sem resposta diante do Supereu tirânico, pois essa instância psíquica lhe lança um olhar silencioso e violento que constante julga o sujeito, colocando-o no “banco dos réus”. O Supereu é implacável em deixar o sujeito em constante alerta sobre suas ações (Vivès, 2020).

Uma das adversidades que podem ser observadas nesse processo de captura do sujeito pelo discurso capitalista é a sobrecarga de trabalho, cada vez mais evidente como um sintoma social que desencadeia

estresse, ansiedade, frustração, insatisfação, depressão, entre outros sintomas. Diante de um ambiente individualista e marcado por instabilidades, em que se incentiva a competitividade e a obtenção de metas a qualquer custo, desestruturam-se os laços sociais, com consequências para a saúde mental do sujeito, já que somos seres sociais que nos constituímos pelo olhar do outro. Tem-se, assim, as consequências dessa forma de organização de trabalho que permite, por um lado, o crescimento da produtividade e da riqueza e, por outro, o agravamento das patologias mentais decorrentes do trabalho.

O sofrimento advindo desse cenário é sentido de diversas formas e se manifesta por meio dos sintomas nesse sujeito que é silenciado, invocado e que tem seu trabalho transformado em um trabalho morto. Nisso, o indivíduo, que se encontra preso a uma ideia de perfeição, perde o saber fazer real, seus conhecimentos não são devidamente valorizados (Mendes, 2018).

Com a Clínica Psicopatológica do Trabalho proposta por Mendes (2018), propõe-se uma escuta clínica do sofrimento no trabalho que tem como objetivo *“reconstruir a narrativa do adoecimento mental pelo trabalho”* (Mendes, 2018, p. 58), ou seja, uma tentativa de desboquiabrir o sujeito que se encontra boquiaberto em seu silêncio gritante diante das

patologias que são produzidas pelo trabalho no sistema capitalista. Assim, permite-se a passagem de invocado para invocante, em busca do seu desejo, ao invés de apenas ser invocado pela voz do outro. A escuta clínica do sofrimento no trabalho, na perspectiva da psicopatologia clínica do trabalho, abre possibilidade de reposicionamento do sujeito em relação aos imperativos do discurso presentes nos modos de gestão. Essa clínica é pautada nos eixos da transferência, da interpretação e do trabalho do clínico e do supervisor, em que o analista ocupa o lugar do vazio e busca não se deixar capturar pelo discurso capitalista.

O presente trabalho teve como foco analisar o processo clínico de uma trabalhadora que apresentava queixas e sintomas relativos à sobrecarga no trabalho. As sessões foram realizadas a partir da escuta clínica do trabalho proposta por Mendes (2018).

Método

Esse trabalho investigativo apresenta um desenho de pesquisa qualitativo, que se caracteriza pelo foco na compreensão do processo clínico de um sujeito, de modo a possibilitar uma compreensão interpretativa de sua singularidade (Goldenberg, 2015). A presente pesquisa empírica foi baseada em um atendimento em

Clínica do Trabalho a uma mulher de 51 anos, chefe de cozinha em um restaurante de um posto de combustível. Teve-se o cuidado ético de manter o anonimato da participante e da empresa, sendo a trabalhadora tratada por meio de um codinome.

Utilizou-se como referencial teórico e metodológico a Psicopatologia Clínica do Trabalho (Mendes, 2018), que tem a pesquisa como prática de intervenção, já que a pesquisa é clínica e se dá a partir da palavra, que é ação. O sujeito, ao falar do seu sofrimento no trabalho, tem a possibilidade de ressignificá-lo a partir de uma escuta qualificada do clínico do trabalho.

Diferente de abordagens de pesquisa que têm como foco principal a observação e/ou o recolhimento de dados, a clínica do trabalho parte do princípio de que os dados não estão postos. Os dados foram obtidos a partir dos registros do atendimento clínico, feito por uma estagiária de Psicologia que fazia parte do coletivo de supervisão do projeto de pesquisa. Foram realizadas 16 sessões semanais, entre novembro de 2021 a maio de 2022, com duração de 50 minutos cada. Essa escuta clínica do sofrimento no trabalho é oferecida à comunidade em geral, como projeto de extensão e dentro do escopo dos estágios em Psicologia de uma universidade pública do sudoeste goiano. Esses atendimentos relacionam-se ao

projeto de pesquisa que visa construir um espaço de escuta do sofrimento no trabalho, contribuindo para mudanças subjetivas por parte dos trabalhadores e para o refinamento e construção dos dispositivos de escuta.

Foram utilizados os seguintes instrumentos para o registro de caso: memorial da sessão, que consiste no relato da narrativa da paciente, além das elaborações ocorridas durante a sessão; diário do clínico, em que se registram a percepção do clínico durante cada sessão, seus próprios afetos advindos do trabalho de escuta e interpretações sobre o caso; e diário de supervisão, contendo as observações do supervisor e do coletivo de clínicos com análise das interpretações, do trabalho clínico, da transferência e hipóteses teóricas relacionadas ao caso, auxiliando os rumos do tratamento (Mendes, 2018).

Em função do processo clínico ter se iniciado durante o período da pandemia de Covid-19, as dez primeiras sessões foram realizadas por meio da plataforma de videoconferências Google Meet. A partir da décima primeira sessão, os atendimentos passaram a ser feitos de forma presencial na Clínica-Escola de Psicologia da Universidade.

Essa escuta clínica do trabalho se sustenta em três pilares: interpretação, transferência e trabalho do clínico e do supervisor. A partir da interpretação,

ocorre uma resposta improvisada do sujeito diante do real; desta forma, não se busca um caminho direto para resolver um enigma, mas sim dar um destino aos sintomas que vêm à tona, para relançar o sujeito na cadeia de significantes, retirando o sentido em que o paciente se sustenta em meio ao sofrimento. Na transferência, busca-se uma invocação da pulsão no trabalho. Ela acontece através das relações do clínico com o paciente - em que o clínico precisa ocupar um lugar, o vazio. É um processo inominável e intraduzível, pois ao ocupar o lugar do vazio, o inesperado pode surgir e o analista precisa suportar isso. Ao sair do lugar de suposto saber que o paciente lhe coloca, começa-se a produzir um saber singular, inconsciente, e a partir dessa elaboração há o deslizamento na cadeia de significantes. O último pilar da escuta clínica, refere-se ao trabalho do clínico e do supervisor, que contribuem para expor as forças pulsionais dos sujeitos que falam e expressam seu modo de trabalhar, desejar e existir (Mendes, 2018).

Neste trabalho, ocorre a nomeação, elaboração e simbolização do que é dito pelo paciente na tentativa de buscar o real do trabalho, reinserir o sujeito no circuito da invocação da pulsão e retirá-lo da posição de invocado. Com base nesses pilares, há a possibilidade de que essa escuta possa produzir efeitos no reposicionamento do sujeito como alguém que fala,

a partir da possibilidade dele se tornar um sujeito do seu trabalho.

O primeiro passo da análise dos dados foi a organização do material de pesquisa de modo a criar uma cronologia do caso. A partir daí, houve a leitura do material de pesquisa em uma postura definida por Bardin (2011) como leitura flutuante, momento em que o pesquisador entra em contato com o material a ser analisado deixando-se invadir por impressões e orientações. Na etapa seguinte, iniciou-se a análise propriamente dita por meio da leitura minuciosa do material, em que se pretendeu identificar os temas emergentes do material de pesquisa. Essa atividade foi realizada sessão por sessão, e os temas emergentes anotados nas margens laterais do material digitado, sendo feita por dois integrantes da equipe de pesquisa, para refinar os temas encontrados. A partir dos temas emergentes, realizou-se a categorização, um modo de sistematização do material emergente da clínica do trabalho. Daí, se deu o agrupamento dos temas afins, o que resultou em três categorias que serão descritas a seguir: 1) Mortificação do Trabalho: sobrecarga, autoritarismo, relações conflituosas e insegurança; 2) História de Vida e de Trabalho de Lúcia; 3) O Trabalho Clínico.

Mortificação do Trabalho: Sobrecarga, Relações Conflituosas, Autoritarismo e Insegurança

Excesso de exigências gerando sobrecarga de trabalho e adoecimento

Lúcia vivia em um ambiente de trabalho pesado e exigente, e era comum trabalhar além do horário combinado. Sentia-se em situação de esgotamento emocional e ainda relata algumas ocasiões em que teve que trabalhar sentindo dores. O ambiente era tão difícil que qualquer acontecimento tomava grandes proporções, pois as emoções estavam sempre afloradas e desabafa: *“foi um dos piores lugares que já trabalhei”*. Relata que o esgotamento causado por seu trabalho gerava dificuldades para dormir e sintomas psicossomáticos, como batimentos cardíacos acelerados. Sendo assim, fazia uso de ansiolíticos.

Além da sobrecarga e da pressão, seu ambiente de trabalho era descrito como desorganizado, o que era mais um fator de tensão e preocupação. Nessa direção, ao analisar o trabalho em cozinhas profissionais, Reis (2020) ressalta que esse ambiente necessita de grande responsabilidade por parte dos cozinheiros e chefes, pois precisam fazer suas tarefas

em um tempo limitado, seguir um padrão para o preparo dos alimentos, atender às expectativas do cliente e se preocupar com a higiene do ambiente. Além disso, trata-se de uma atividade árdua, pois, com os horários de trabalho não convencionais, fica mais difícil conciliar vida pessoal e profissional. Lúcia conta que sua vida profissional interferia na vida pessoal: *“Parece que quando você trabalha em um lugar ruim, até as coisas da sua casa não andam”*.

A sobrecarga de trabalho de Lúcia era agravada por constantes desfalques na equipe, em função dos adoecimentos por Covid-19: *“Quando o quadro de funcionários está completo já é uma correria, quando tem algum desfalque, fica muito pior”*. Assim, exercia funções além de seu cargo: *“Cumprir a função de montar as marmitas, repor a comida, lavar as panelas e pratos do almoço e fazer mais comida quando acaba”*.

Lúcia muitas vezes não conseguia tempo para fazer suas necessidades básicas. Ela reporta uma situação em que ficou tão ocupada com o trabalho que acabou urinando na roupa, pois não deu tempo de chegar ao banheiro no momento que terminou de fazer suas tarefas. Além disso, ficou sem almoçar até às 16h em momentos em que o trabalho se intensificava.

Evidencia-se que Lúcia estava exposta a um ambiente adoecedor que oferecia riscos à sua integridade física e mental. Ela chegou a dizer que

acreditava estar com síndrome de Burnout, pois já estava em seu limite naquele trabalho, se sentindo exausta e esgotada, chegando a trabalhar algumas vezes chorando, pois não estava aguentando a pressão. Quando chegava em casa, queria apenas se deitar e não tinha força para tomar banho ou comer. Apesar do cansaço, quando deitava, não conseguia dormir bem.

A narrativa de Lúcia permite visualizar que ela estava adoecida pela sobrecarga. Mendes (2018) articula a patologia da sobrecarga como umas das possibilidades de adoecimento que tem como base os imperativos capitalistas que encontram ressonância na instância psíquica do Supereu. Portanto, “o adoecimento mental é uma denúncia que coloca à prova a funcionalidade das patologias produzidas pelo trabalho capitalista” (Mendes, 2018, p. 58), ao contrário do discurso que coloca o sujeito como culpado pelo seu adoecimento.

Relações chefia-empregados marcadas por desconfiança e abusos

Lúcia tinha uma relação conturbada com seu chefe, que lhe culpabilizava por coisas que não eram de sua responsabilidade, como, por exemplo, pelo pedido de demissão de funcionários da empresa, que

eram frequentes. Tais demissões eram motivadas pela organização do trabalho, em que o modelo de gestão era pautado no autoritarismo, no incentivo à competitividade, na exploração geradora de sobrecarga, na falta de reconhecimento e de fornecimento de adequadas condições de trabalho; tudo isso gerava insatisfação não só para Lúcia, mas para toda a equipe.

Além disso, apesar de Lúcia ocupar o cargo de chefe de cozinha, após ser “promovida”, não tinha autonomia em sua função, gerando contradição com o cargo que lhe foi atribuído. Essa relação mostra a armadilha do “canto da sereia” (Mendes, 2018), evidenciada pelo cargo que Lúcia recebeu de “chefe de cozinha” que, na verdade, não passava de uma falsa ilusão de poder e autonomia. Lúcia de certa forma entendeu isso, pois ela afirma que, apesar do cargo de “chefe” que lhe fora atribuído, ela não estava livre para exercê-lo.

Outro fato observado nos relatos é que na empresa não se importavam com a segurança dos trabalhadores, inclusive em relação à forma como os funcionários eram transportados pela van contratada por ela. Lúcia narra situações em que todos correram risco de vida por imprudência do motorista. Também se queixava da desvalorização do seu trabalho e da discrepância entre o nível de exigência e a

remuneração recebida: *“Os conflitos partem principalmente dos chefes que cobram demais e querem que o trabalho seja realizado com perfeição; além de ter que fazer tudo perfeito; tem muito trabalho para o salário que eles pagam”.*

Os modelos de gestão baseados em altos níveis de cobrança por desempenho, ajudam a desestruturar os laços sociais e, além disso, contribuem para o surgimento de novas patologias do trabalho. São modelos baseados no imperativo: “Trabalhe e Cale-se”, fazendo com que o sujeito se sinta sempre culpado e em falta para com o sistema (Mendes, 2018). Lúcia, comandada por esse imperativo, que encontrava eco nas vozes tirânicas do Supereu, estava sempre em estado de alerta e de autocobrança, mostrando alto nível de comprometimento com o trabalho e com a empresa: *“Eu me cobro muito para fazer tudo perfeito, quando entro em uma empresa eu visto a camisa da empresa”.*

A relação com a chefia era marcada por uma série de conflitos, injustiças, penalizações e humilhações: *“Eles fazem contagem de estoque e se estiver faltando um item, os funcionários são obrigados a pagar”.* Apesar desses conflitos, ao longo do processo clínico, Lúcia demonstrava que não estava apenas invocada nesse trabalho, pois em alguns momentos ela questionava seu chefe, confrontando-o sobre por que ela deveria

fazer sozinha o serviço que teria que ser feito por mais de duas pessoas. Isto demonstra que ela estava conseguindo, em alguns momentos, se posicionar, não estando passivamente na dinâmica da invocação (Mendes; Takai; Gama, 2016), colocando sua insatisfação diante do seu chefe e, por fim, decidindo sair desse emprego.

Mas antes de sair desse trabalho adoecedor, a paciente sofreu assédio moral do chefe, que lhe expôs diante dos colegas de trabalho. Após esse episódio, ela conseguiu o que queria: ser demitida. Algo inédito naquela empresa, pois eles não demitiam ninguém, ao contrário, faziam de tudo para que as pessoas pedissem demissão. Lúcia queria que a empresa a demitisse para que pudesse requerer seus direitos trabalhistas. Após conseguir a demissão, sentiu-se aliviada. Mas, ao lado dessa sensação de liberdade, também houve um sentimento de tristeza pela forma como tudo ocorreu.

Mesmo após sua saída, Lúcia continuou se posicionando de maneira firme diante da empresa, negando-se a assinar os papéis da rescisão enquanto o dinheiro do acerto não entrasse em sua conta bancária. Com isso, percebe-se como a trabalhadora conseguiu se desboquiabrir (Mendes, 2018), adotando um posicionamento firme ao requerer seus direitos,

posicionando-se diante do contexto opressor e saindo da situação de trabalho que estava lhe adoecendo.

Relações conflituosas com colegas de trabalho

Outra característica da empresa em que Lúcia trabalhava eram as relações conflituosas com os colegas de trabalho. Não havia cooperação e a tensão era constante no ambiente: *"ali é cada um por si"*. Havia competitividade entre os colegas, com baixas expectativas de união entre eles: *"Existe uma briga sem fim entre os trabalhadores do turno da manhã e os da tarde"*. Essas situações evidenciam o que expõe Figueiredo (2020), em que o ambiente de trabalho competitivo desperta o uso das pulsões de morte e a aceitação da violência. Além disso, esse contexto reforça algo que tem sido observado nas relações de trabalho hoje, em que o individualismo está cada vez mais presente. Isso enfraquece a força coletiva de reivindicações. Lúcia reconhece que deveria haver mais união entre os colegas naquele trabalho - queria denunciar a empresa no Ministério do Trabalho, mas sabia que sendo só ela, sua reivindicação poderia se tornar motivo de perseguição.

Nesse contexto, abre-se espaço para que certos abusos sejam feitos por parte das empresas, pois os

sujeitos estão silenciados. O que se observa é uma desestruturação dos laços sociais, criando assim, um contexto propício para a produção de sujeitos com formas de funcionamento normopata e sociopata (Mendes, 2018).

A forma como Lúcia foi demitida diante de uma situação de constrangimento, em que o chefe tentou colocar os colegas contra ela, revela uma tentativa de encaixar Lúcia no “banco dos réus”, fazendo-a se sentir culpada por sua demissão ao receber julgamentos dos outros, além de enfraquecer ainda mais as relações socioprofissionais. Os colegas de Lúcia, encontravam-se em uma situação de passividade, pois não se mobilizavam coletivamente, assim sendo, estavam silenciados diante da mortificação de seu trabalho e presos na indiferença (Mendes, 2018). Percebe-se que Lúcia tinha consciência da desestruturação dos laços dentro da empresa, uma vez que admitiu que a humilhação sofrida ali não vinha apenas dos chefes, mas também dos próprios colegas de trabalho.

HISTÓRIA DE VIDA E DE TRABALHO DE LÚCIA

Relação do sujeito com o trabalho

Como visto, Lúcia apresenta um alto nível de comprometimento com o trabalho e com a empresa onde trabalhava, demonstrando autocobrança e senso de dever, o que lhe gerava culpa quando algo não saía como planejado. Como evidenciado por Mendes (2018), o Supereu exerce influência no sujeito, produzindo a culpa por submeter-se à sua injunção, o que faz com que renuncie ao "tornar-se". No caso de Lúcia, atender ao imperativo "Trabalhe e cale-se!" lhe gerou sobrecarga e angústia, pois ficou presa em atender todas as demandas, sendo essas distantes do seu desejo, mas mediadas pelo gozo do Outro.

Como forma de manter-se nesse nível de produtividade e de aceleração, durante sua jornada de trabalho, os sintomas precisavam ser mascarados: *"quando estou trabalhando quase não sinto nada"*, seus sintomas só apareciam quando estava em casa. Não sentir nada remete ao "sujeito mais morto que vivo", tratado por Mendes (2020, p. 85) como consequência de um processo de melancolização do sujeito produzido por um sistema marcado pela desconfiança, pela negação da realidade e pela impossibilidade de fala. O sujeito melancólico é forjado nesse modelo

como forma de manter o controle do sujeito político, que seria o sujeito invocante. O sujeito melancólico, silenciado, sabe que não adianta chamar, ninguém vai escutar sua voz, portanto, é levado a não investir em nada e nada desejar (Mendes, 2020). Com a instauração de uma visão de mundo objetivada na produção, o sujeito torna-se alheio à sensibilidade do eu, dos outros e das coisas (Mendes, 2018).

O trabalho de Lúcia era um trabalho morto, com a roupagem discursiva de trabalho vivo: “chefe de cozinha”. Não havia espaço para criação, para a invenção, nem para a emergência de laços sociais. Como expõe Ferreira (2011), o trabalho morto evidencia as relações humanas imersas no silêncio, marcadas por sofrimento e variadas formas de patologias. Muitas vezes, alguns desses comportamentos adoecidos, como observado no caso de Lúcia, são invisibilizados no contexto organizacional, onde os trabalhadores ficam presos a uma lógica perversa, relacionada à constante busca de produtividade e à mercê das práticas da gestão. Diante disso, algumas consequências desse trabalho morto podem ser identificadas como, por exemplo, a paralisação da mobilização coletiva dos trabalhadores, uso de estratégias defensivas como indiferença, cegueira e surdez frente às imagens, vozes e emoções

em relação ao próprio sofrimento e ao das pessoas em volta.

Lúcia acabava cedendo às demandas impostas, em função da necessidade de se manter empregada. Lúcia queria construir sua casa própria, sendo assim, manter sua carteira de trabalho assinada, com o salário de chefe de cozinha, era a forma de poder viabilizar, a longo prazo, a realização do seu sonho. Aqui, vemos Lúcia presa na servidão voluntária (Mendes, 2007). Como evidencia Wendling (2018), a servidão voluntária tem suas raízes coloniais pelas quais foram constituídas uma sociabilidade baseada na desumanização do outro. Elucida-se o lugar do sujeito como objeto do gozo do Outro, em que o capitalismo usa a satisfação pulsional enlaçada na demanda invés do desejo, para aumentar a produtividade (Mendes, 2018). Lúcia se submetia a condições difíceis no trabalho para atingir seu objetivo de construir sua casa, o que acabava por lhe aprisionar às armadilhas do “canto da sereia” como uma promessa de satisfação da pulsão (por meio da possibilidade de comprar a casa), mas que, na realidade, era uma ilusão frente ao real.

Apesar de estar em sofrimento por conta de seu trabalho, Lúcia também demonstrou ter consciência do que se passava, pois em alguns momentos ela conseguiu se colocar diante do seu chefe, chegando a dizer a ele que *“o que estava passando ali era desumano,*

que ninguém suportava tanta pressão". Em função desses enfrentamentos, o chefe se irritava com ela: "Esses dias o gerente me chamou na sala dele e disse que deveria mudar meu jeito de ser". Aos poucos, Lúcia foi conseguindo fazer suas reivindicações, desboquiabrindo-se diante das tiranias da gestão, deixando de estar apenas na posição de invocada (Mendes; Takai; Gama, 2016). Mesmo tendo conseguido colocar alguns limites na sua relação com o gerente, Lúcia diz que se arrepende dos "nãos" que não disse e reflete: "O ser humano só tem serventia enquanto não fala "não" para as pessoas, e a partir do momento que ele começa a dizer "não" tudo muda e acaba perdendo seu valor". A partir dessa fala, percebe-se que ela conseguia interpretar as vozes tirânicas que lhe invocavam (Mendes, 2018) e, então, decide sair do trabalho e adiar seu sonho de comprar uma casa.

História de vida marcada por abandono e perdas

Lúcia possui dois filhos: sua filha mais nova mora com ela e o filho mora na Europa. Ela havia se divorciado recentemente, sentindo-se aliviada, pois, enquanto casada, seguia um "ideal" de esposa e era "explorada pelo marido". Por outro lado, lamenta a perda de contato com o enteado, já que ela o criou desde os 9 meses até os 11 anos de idade. Com a

separação, o ex-marido impediu sua convivência com ele.

Além dessa perda, a vida de Lúcia foi marcada por outras situações angustiantes. Ela foi abandonada pela mãe biológica, que lhe entregou aos 2 meses de vida aos cuidados de uma tia. Ela também tem uma irmã gêmea que foi criada por um tio, então foram forçosamente separadas. Aos 10 anos de idade, Lúcia foi obrigada a trabalhar em uma casa onde não recebia salário. A comida seria a forma de pagamento mas, na maioria das vezes, era servida para ela uma comida diferente da que os chefes comiam. Além disso, ela sofria assédio do marido da patroa: *"Ficava atrás da gente o tempo todo, nos olhando. Foi uma época muito difícil em minha vida"*.

Já aos 26 anos de idade, Lúcia decidiu procurar seu pai biológico, mas ele não quis reconhecê-la como filha, duvidando da mãe dela. Diante do resultado positivo do teste de DNA, ela relata que *"ganhou três irmãos"* que lhe receberam *"de braços abertos"*, mas continuou sendo renegada pelo pai. Além disso, Lúcia relata que sua família é distante e estão espalhados pelo mundo, o filho mora na Europa e a irmã nos Estados Unidos, por isso a família não tem muitas oportunidades de se reunir, sentindo-se sozinha, inclusive em datas significativas.

Ainda no contexto de suas experiências angustiantes, em 2021, Lúcia contraiu Covid-19. Ficou internada por 30 dias na UTI, precisou ser entubada e ficou em coma. Foi um momento de muito sofrimento em sua vida, sendo este um assunto recorrente nas sessões. Relata que durante seus dias no hospital, após acordar do coma, se sentia muito sozinha e chegou a pensar que havia chegado no seu limite por não suportar viver daquela forma. O desamparo permaneceu presente em seu processo de recuperação. Já em casa, não tinha força para colocar a comida na boca, precisando da ajuda de outras pessoas. Na terceira sessão de fisioterapia, ela conseguiu dar o primeiro passo, experiência marcante que ela relata da seguinte forma: *"Era como se eu estivesse aprendendo a viver de novo"*. Mesmo depois de recuperada, Lúcia ainda precisava passar por um acompanhamento médico, devido às sequelas da Covid-19.

Assim, relatava medo de morrer e demonstrava preocupação em deixar a filha sozinha. Além disso, havia grande preocupação com a filha pelo fato de apresentar sintomas depressivos. Ao mesmo tempo, culpa-se por achar que acaba mimando a filha, pois não quer que ela passe por tudo que ela passou. Lúcia tenta ser forte o tempo todo e ressalta: *"tento sempre dar o meu melhor para mudar a realidade"*.

Percebe-se Lúcia se colocando alto nível de exigência, presa em Ideal de Eu em que ela precisa se ver e se mostrar sempre como uma pessoa forte, resiliente e comprometida, reforçando o sentimento de culpa. Desde muito jovem, Lúcia precisou trabalhar e cuidar de si e dos outros, não tendo ninguém que cuidasse dela. Essa dinâmica alimenta a tirania do seu Supereu e encontra ressonância nos imperativos do mundo do trabalho, enredando Lúcia nesse ideal de mulher e trabalhadora forte, incansável, inabalável.

A procura da clínica do trabalho por ela foi um grande passo para reconhecer seus limites, assumir seu sofrimento e se reposicionar diante do grande Outro. Vivendo no trabalho um contexto de sobrecarga, exploração e humilhações, proporcionar-lhe um espaço acolhedor de escuta a partir da clínica, permitiu que ela entendesse sua história e conseguisse olhar para si mesma. Colocou um basta na relação com esse trabalho e começou a investir no sonho de ser motorista de caminhão, que enxerga como podendo ser algo prazeroso em sua vida.

O TRABALHO CLÍNICO

No trabalho de escuta, a estagiária inicialmente sentiu-se ansiosa e insegura, pois queria muito ajudar a paciente, mas não sabia se conseguiria, com isso, sentiu que recaíam expectativas sobre ela. Durante a supervisão, compreendeu a importância dos sentimentos da paciente como guia do processo clínico. O saber-fazer do clínico não corresponde apenas ao saber técnico, mas a uma posição de um sujeito engajado no processo de escuta. Para que ocorra essa escuta, o clínico precisa acessar sua potência, ou seja, se assumir como um sujeito do desejo, o que envolve o desejo de escutar o sofrimento do outro (Mendes, 2018)

Aos poucos, a estagiária se sentiu mais tranquila para escutar Lúcia, ainda que, por vezes, essa escuta lhe causasse angústia pelas vivências trazidas por Lúcia, em alguns momentos, chegando a se emocionar durante a supervisão. A estagiária percebeu que suportar o sofrimento do outro era uma tarefa difícil e essa era uma das implicações que a escuta impõe sobre o clínico (Mendes, 2018).

A estagiária escutava Lúcia em suas dores, superações e limitações. E, ao falar, a paciente foi conseguindo, por vezes, silenciar as vozes tirânicas do Supereu e resistir à forma de exploração que sofria. Foi

possível desboquiabrir o sujeito, possibilitando que Lúcia colocasse alguns limites em relação às condições de trabalho e, por fim, que conseguisse abrir mão do emprego que a causava sofrimento. Ela também pôde acessar um desejo antigo seu: ser caminhoneira. Ainda sem saber por onde começar a realizar esse projeto, pensava em fazer um curso em São Paulo, projeto que ainda não havia sido possível, mas que estava entre seus planos, juntamente com o sonho de construir uma casa. Aparecia aí sua mobilização enquanto sujeito.

Considerações Finais

Essa pesquisa objetivou analisar o processo clínico de uma trabalhadora atendida na perspectiva da escuta em psicopatologia clínica do trabalho. Suas queixas relacionavam-se à sobrecarga de trabalho, ambiente de trabalho conflituoso, relação entre chefe e colegas marcadas por abusos e desconfiança. Diante de tantas cobranças que lhe eram depositadas, da falta de condições adequadas de trabalho e dos conflitos no ambiente de trabalho, Lúcia estava em esgotamento emocional, o que foi evidenciado por meio de sua dificuldade para dormir e sintomas psicossomáticos, como os batimentos cardíacos acelerados e a necessidade do uso de ansiolíticos.

Esse trabalho era marcado por uma relação conturbada com o chefe, havendo constantes conflitos, injustiças, penalizações, humilhações e jogo de culpa. Outro fato observado é a falta de autonomia em relação às suas atividades. Apesar de atender a diversas demandas naquele trabalho que lhe esgotava, Lúcia passou a não permanecer apenas na posição de invocada. Consciente de que não podia continuar vivendo daquela forma no trabalho, passou a se posicionar de modo mais firme e se percebeu como um sujeito que tem voz, donde pôde perceber-se como falante, ou seja, como desejante. Desboquiabir-se diante do contexto opressor do trabalho foi importante para que ela conseguisse se desvencilhar dessa relação empregatícia, passando a pensar no seu sonho de ser caminhoneira e em formas de poder viabilizá-lo.

A procura da clínica do trabalho por ela foi um grande passo para reconhecer, além do seu estado de sofrimento, sua potência diante de tantas injustiças e injunções. A partir do trabalho da clínica, foi possível para Lúcia nomear, elaborar e simbolizar suas vivências, mobilizando-se enquanto sujeito. Houve a interrupção do tratamento por parte da paciente, ainda que pudéssemos pensar que havia questões a serem trabalhadas. Porém, a clínica é sempre da ordem do imprevisto e suas reverberações vão muito

além do que podemos alcançar em termos de compreensão teórico/metodológica, pois estão relacionadas ao campo do inconsciente.

A Psicopatologia Clínica do Trabalho, enquanto abordagem teórica e metodológica, mostrou-se consistente e potente, permitindo que os dispositivos de escuta pudessem ser colocados em ação em uma perspectiva que coloca o tratamento e a escuta em um primeiro plano. Dar voz ao sujeito silenciado, oprimido e paralisado diante dos imperativos do capital e das tiranias do Supereu, possibilita a movimentação do sujeito invocado para a posição de sujeito invocante. Novas pesquisas a partir de uma escuta clínica embasada na invocação do sujeito trabalhador, silenciado e oprimido pelos modelos de gestão capitalistas neoliberais, serão necessárias para que possamos avançar nesse tipo de tratamento analítico.

Referências

BARDIN, L. **ANÁLISE DE CONTEÚDO**. ED. REVISTA E AMPLIADA. SÃO PAULO: EDIÇÕES 70, 2011.

FERREIRA, J. B. DE O. **O PODER CONSTITUINTE DO TRABALHO VIVO: ANÁLISE PSICODINÂMICA DA CRIAÇÃO LITERÁRIA**. 2011. TESE (DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL, DO TRABALHO E DAS ORGANIZAÇÕES) - INSTITUTO DE PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, 2011.

FIGUEIREDO, V. C. N. ESCUTA CLÍNICA DA SERVIDÃO: EM PAUTA O SOFRIMENTO DE MULHERES DESEMPREGADAS. IN: SOUSA-DUARTE, F.; MENDES, A. M.; FACAS, E. P. (ORGS.) **PSICOPOLÍTICA E PSICOPATOLOGIA DO TRABALHO**. PORTO ALEGRE: EDITORA FI, 2020, p. 179-193. *E-BOOK*. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.EDITORAFI.ORG/012TRABALHO](https://www.editorafi.org/012TRABALHO). ACESSO EM: 19 FEV. 2021.

GOLDENBERG, M. **A ARTE DE PESQUISAR: COMO FAZER PESQUISA QUALITATIVA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**. 14.ED. RIO DE JANEIRO: RECORD, 2015.

MENDES, A. M. **PSICODINÂMICA DO TRABALHO: TEORIA, MÉTODO E PESQUISA**. SÃO PAULO: CASA DO PSICÓLOGO, 2007.

MENDES, A. M. **DESEJAR, FALAR, TRABALHAR**. PORTO ALEGRE, RS: EDITORA FI, 2018. *E-BOOK*. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.EDITORAFI.ORG/395ANA](https://www.editorafi.org/395ANA). ACESSO EM: 02 MAR. 2020.

MENDES, A. M. DISCURSO CAPITALISTA COLONIAL E A PATOLOGIA DA MELANCOLIZAÇÃO. IN: SOUSA-DUARTE, F.; MENDES, A. M.; FACAS, E. P. (ORGS.) **PSICOPOLÍTICA E PSICOPATOLOGIA DO TRABALHO**. PORTO ALEGRE: EDITORA FI, 2020, p. 76-88. *E-BOOK*. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.EDITORAFI.ORG/012TRABALHO](https://www.editorafi.org/012TRABALHO). ACESSO EM: 19 FEV. 2021.

MENDES, A. M.; GHIZONI, L. D. EDITORIAL: O TRABALHO E AS DESMESURAS DO CONSUMISMO: DO SUJEITO INVOCADO AO SUJEITO INVOCANTE. **REVISTA TRABALHO EN(CENA)**, PALMAS, v.01, n.01, p. 02-05, 2016. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://SISTEMAS.UFT.EDU.BR/PERIODICOS/INDEX.PHP/ENCENA/ARTICLE/VIEW/2885/9090](https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/2885/9090). ACESSO EM: 02 NOV. 2016.

MENDES, A. M.; TAKAI, K.; GAMA, L. P. DO SUJEITO INVOCADO AO SUJEITO INVOCANTE: A VIOLÊNCIA NO TRABALHO COMO RECUSA DO DESAMPARO. IN: FARAH, B. (ORG.) **ASSÉDIO MORAL E ORGANIZACIONAL: NOVAS MODULAÇÕES DO SOFRIMENTO PSÍQUICO NAS EMPRESAS CONTEMPORÂNEAS**. SÃO PAULO: LTR, 2016, p. 151-160.

MENDES, A. M.; VIVÈS, J. M. VOZ DO SUPEREU E MELANCOLIZAÇÃO NO TRABALHO QUE ADOECE. IN: COELHO, R.; MOTTA, D. A. (ORGS.). **PSICANÁLISE E TRABALHO: RETRATOS DO CONTEMPORÂNEO**. PORTO ALEGRE: TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO 4ª REGIÃO, 2020, p. 189-205. *E-BOOK*. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.TRT4.JUS.BR/PORTAIS/MEDIA/432815/LIVRO_VERSAAO_4.2.PDF](https://www.trt4.jus.br/portais/media/432815/livro_versaao_4.2.pdf). ACESSO EM: 15 JUN. 2020.

REIS, C. U. F. (2020). **O TRABALHO DE COZINHEIRAS, COZINHEIROS E CHEFES EM COZINHAS PROFISSIONAIS: REFLEXÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO**. 2020. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM TURISMO). UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA, 2020.

VIVÈS, J.M. "TRABALHE E CALE-SE": A VOZ DO SUPEREU E A VIOLÊNCIA NO TRABALHO. IN: IN: SOUSA-DUARTE, F.; MENDES, A. M.; FACAS, E. P. (ORGS.) **PSICOPOLÍTICA E PSICOPATOLOGIA DO TRABALHO**. PORTO ALEGRE: EDITORA FI, 2020, p. 91-117. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.EDITORAFI.ORG/012TRABALHO](https://www.editorafi.org/012TRABALHO). ACESSO EM: 19 FEV. 2021

WENDLING, M. PSICANÁLISE E POLÍTICA. **CLÍNICA & CULTURA**, v.07, n.02, p. 46-60, 2018.